

# Roland Dyens, violonista *cuisinier*: suas ideias sobre arranjo para violão clássico solo e uma análise de seu arranjo do jazz standard *Misty*

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

# SIMPÓSIO PANORAMA DA PESQUISA SOBRE VIOLÃO NO BRASIL

Guilherme Vincens

Universidade Federal de São João Del Rei – gvincens@ufsj.edu.br

**Resumo**: Uma parte importante da obra do violonista e compositor franco-tunisiano Roland Dyens (1955-2016) consiste em arranjos de standards de jazz e outras formas de música popular para violão clássico solo. O presente artigo demonstra algumas inovações e inventividades do violonista, fazendo uso de análise comparativa e textural para o arranjo do standard *Misty*. O autor ainda se baseia em entrevista com o violonista e no conceito de bimusicalidade de Mantle Hood para emoldurar a análise, demonstrando as práticas distintas que convergem na obra de Dyens.

Palavras-chave: Roland Dyens. Arranjo. Violão. Bimusicalidade. Textura.

Roland Dyens, Guitarist *Cuisinier*: His Ideas on Solo Guitar Arranging and an Analysis of His Arrangement of the Jazz Standard *Misty* 

**Abstract**: An important part of the work of franco-tunisian guitar composer Roland Dyens (1955-2016) consists of arrangements of jazz standards and other forms of popular music for solo classical guitar. The present article demonstrates a few innovations and the inventivity of the guitarist by means of comparative and textural analysis of the arrangement of the jazz standard *Misty*. The author uses an interview with the guitarist and also ethnomusicologist Mantle Hood's concept of Bi-musicality to frame his analysis, which demonstrates the distinct practices that converge in the work of Dyens.

Keywords: Roland Dyens. Arrangement. Guitar. Bi-musicality. Texture.

## 1. Roland Dyens, violonista cuisinier

O violonista franco-tunisiano Roland Dyens (1955-2016) atingiu, durante sua carreira, uma posição de destaque no mundo do violão clássico contemporâneo. Os inúmeros concertos e masterclasses que apresentou por todo o mundo não o impediram de também compor e arranjar para o violão solo profusamente, além de ter sido professor do Conservatório de Paris, com vários alunos de destaque internacional. Ele publicou um número impressionante de composições e arranjos para o violão – mais de 50 composições para violão solo e grupos com violão, além dos vários arranjos, incluindo 26 Canções Francesas, 13 jazz standards, e peças clássicas famosas como a *Pavana para uma infanta defunta* de Ravel, ou a *Aria das Bachianas Brasileiras n. 5* de Villa-Lobos.

O presente artigo demonstra algumas inovações e inventividades do violonista, fazendo uso de análise comparativa e textural para o arranjo do standard *Misty* de Erroll Gardner; de entrevista com o violonista – um procedimento padrão; e do conceito de



bimusicalidade de Mantle Hood, da etnomusicologia que nos ajuda a entender a prática musical de Roland Dyens.

Durante o trabalho de doutorado, concluído em 2009, tive a oportunidade de entrevistar Dyens<sup>1</sup>, que se mostrou extremamente generoso e até afetuoso e nos concedeu uma entrevista que ajuda a confirmar as hipóteses e ilustrar de maneira bem humorada suas idéias sobre arranjo para violão solo.

Para Dyens, arranjar para violão solo é "uma arte completa e difícil" (DYENS, 2009, p.1) que se difere da composição. Ele diz:

Ser um arranjador é ser um designer ou um *cuisinier* (cozinheiro) enquanto ser um compositor é ser um arquiteto. Eu me divirto quando arranjo e "sofro" quando componho. Quando se começa a escrever um arranjo as "fundações da casa" já estão feitas. Aí você só tem que decorar a casa de maneira bem pessoal, original e criativa. Mas a fundação está ali, e isso não é nada. Quando você inicia uma composição é como um encontro com o vazio, vácuo, a página em branco e tal. Liberdade demais de certa forma. E a coisa é que eu gosto de limites na música. Para poder empurrálos o máximo possível. Limites são liberdade na verdade (DYENS, 2009, p.2).

Dyens encara as limitações do violão de maneira semelhante. Segundo ele:

Bem.. o violão é um instrumento louco para pessoas loucas (que te deixa ainda mais louco quando você o conhece um pouco). O ponto mais forte do violão é o fato de que é um instrumento "limitado" (o chamado instrumento limitado de fato). Mas quando você começa a entrar no seu mundo, você descobre as bilhões de possibilidades que ele possui. Aí ele se torna algo ilimitado. Mas isso requer "prérequisitos" – eu repito – um grande conhecimento em várias áreas musicais. E para responder precisamente a sua pergunta, o principal desafio é buscar escrever um arranjo que faça as pessoas duvidarem que a música era escrita (portanto concebida e pensada) para outro instrumento que não o violão. Este é o critério final mais valioso. E nada mais (DYENS, 2009, p.2).

Segundo Dyens, um bom arranjador para violão solo deve saber manejar as seguintes "ferramentas altamente necessárias e de 1ª. Emergência: gosto (...), depois grande conhecimento de história e especialmente geografía do violão, imaginação, uma cultura bem boa de harmonia (clássica E Jazz) [grifo do entrevistado] e em contraponto acima de tudo. Mas antes de mais nada gosto. (mas, por falar nisso, o que é gosto?)" (DYENS, 2009, p.1). A escrita de Dyens é "Sophistricky" (DYENS, 2009, p.4), termo que ele usou na entrevista que seria uma combinação em inglês de "sofisticado" e "complicado" (O entrevistado demonstrou mais de uma vez que gosta de brincar com palavras e idiomas). Sua escrita é cheia de detalhes de articulação, dinâmica, agógica, timbre e efeitos como veremos adiante. Quando perguntado sobre outros arranjadores para violão ele diz:

A maioria dos arranjos que conheço soam muito "violão" aos meus ouvidos. Arranjos obviamente devem ser violonísticos (além disso é o objetivo n. 1 a se alcançar) mas eles são muito frequentemente entupidos dos "hábitos de violão" usuais portanto limitados de certa forma (o violão deve "obedecer à música e não o contrário). Para mim, um grande arranjo deve soar como 2 violões ou piano MAS [grifo do entrevistado] sendo muito violonístico também, usando as cordas soltas



como "pulmões" do violão ou até *scordatura* que "aumenta" as coisas de forma geral. Este deve ser o resultado final esperado, de fato (...) Um dos melhores arranjos já feitos, na minha opinião é *Las 4 Estaciones de Piazzolla* de Sérgio Assad. É perfeito. Um grande arranjo (para violão solo portanto) deve falar sobre música somente. E deixar o violão ficar "atrás" de alguma forma, ao seu serviço. Não escondido. Apenas discretamente atrás" (DYENS, 2009, p.3).

Durante toda a entrevista, Dyens deixa claro que sem sua formação conservatorial aliada a suas experiências no mundo do jazz e da música popular ele não seria capaz de realizar seus arranjos. Segundo Sean Beavers, que pesquisou composições do violonista, "Dyens descreve sua educação como clássica e formal, uma educação típica de conservatório. Sua experiência com jazz e música popular veio de suas próprias explorações fora de seus estudos conservatoriais." (BEAVERS, 2006, p.19). Neste sentido, o conceito de bimusicalidade de Mantle Hood que se refere a músicos que são versados em tradições musicais distintas, de forma similar a bilíngues (HOOD, 1960), nos ajuda a entender as práticas de Roland Dyens. De acordo com o etnomusicólogo Bruno Netll: "As pessoas tendem a absorver as gramáticas de suas próprias linguagens e de suas próprias músicas bem cedo, tendem a saber bem rapidamente se uma palavra pertence a sua lingua, e se um intervalo particular ou acorde é próprio de sua música" (NETLL, 2005, p.57). Consideramos Roland Dyens (que também é fluente em vários idiomas) como bimusical; sendo assim, os mundos – jazz e clássico – (entendendo que a distinção não é nada clara) se unem e se complementam em sua prática.

É a mesma linguagem para mim, já que ritmo é ritmo, pulso é pulso e uma nota legal é uma nota legal (blue ou não). O único desafio – depois de "traduzir" o groove e o espírito certos no papel de música da melhor maneira possível – é encontrar bons intérpretes na verdade. Porque qual seria o problema de tocar Jazz em um violão clássico, na verdade? Nenhum. A verdadeira questão aqui é sobre tocar Jazz com uma técnica "clássica" de fato e nada mas (nada mais). E – se o violonista "clássico" for um músico flexível, aí é até melhor que numa guitarra jazz já que se pode usar todos os dedos, não? Mas nem todos os violonistas são flexíveis. Esta é a verdadeira problemática (DYENS, 2009, p.3).

Dyens foi um grande performer, que tocava com extrema flexibilidade e um grande equilíbrio timbrístico e dinâmico. Em 2003, ele gravou o disco *Night and Day* pelo selo GHA records, no qual registrou seus arranjos de standards. Sobre a concepção dos arranjos ele diz:

Eu comecei todos os 10 arranjos (13 na verdade mas eu gravei somente 10 deles) do *Real Book*. Eu só precisava das melodias "reais" em sua forma mais simples na verdade, principalmente, entre várias razões, para não ser influenciado por grandes versões "históricas" delas. Minha fonte foi A [grifo do entrevistado] fonte original de fato. Aí eu as "cozinhei" em meu *molho pessoal* RD. [molho secreto Roland Dyens] (DYENS, 2009, p.2).



É interessante que o violonista gravou seus arranjos antes de escrever e publicar as partituras no Livro *Night & Day: 10 Jazz Arrangements for Solo Guitar* (GSP Publications), o que ocorreu por demanda de violonistas mundo afora. Sobre a tarefa de transcrever suas próprias gravações ele diz:

Foi uma tarefa medonha por várias razões, mas principalmente por causa da dificuldade sempre presente em transcrever qualquer música popular (como o jazz, por exemplo) com notação musical como a única ferramenta "oficial" para se trabalhar. Embora a notação musical seja uma linguagem geral "one-size-fits-all" para lidar com sons e ritmos, e que dá conta de várias situações, logo eu me deparei com seus limites e tive que tomar um estranho detour para me aproximar da música que não pode ser escrita (DYENS, 2009, p.3).

Dentre os inúmeros arranjos de Dyens, escolhi o arranjo do standard *Misty* de Erroll Gardner para demonstrar um pouco de sua escrita, que explora as capacidades polifônicas e timbrísticas do violão de maneira inovadora.

### 2. Arranjo de *Misty*

A maioria dos violonistas provavelmente arranjaria o tema em Ré ou Mi maior, tonalidades bastante amigáveis ao violão em sua afinação padrão. Dyens prefere manter a tonalidade original, como faz na maioria de seus arranjos, e usa uma *scordatura* incomum, reafinando a 6a. corda de Mi natural para Mi bemol, que ele usa neste e em outros arranjos de standards nas tonalidades (comuns no jazz) de Mi bemol, Si bemol, Lá bemol e seus relativos menores.

Grande parte dos standards que conhecemos agora, eram originalmente parte de musicais dos anos 40 e 50, quando era comum as canções "abrirem com um verso, como uma espécie de preludio calmo, (hoje caindo em desuso)" (DYENS, 2005, p. 3). Dyens decidiu trazer esta prática de volta. Todos os seus arranjos de jazz se iniciam com este tipo de introdução curta. A introdução de Misty se baseia no contorno melódico (notas descendentes Si bemol, Sol e Ré) e no ritmo da abertura do tema (ver Fig. 1). Harmonicamente, ele começa com um acorde de Am7(b5) e gradualmente conduz a harmonia para o acorde final de Fb7(b5), dominante substituto que se resolve em Eb7M, onde o tema se inicia. Já nos primeiros compassos, podemos perceber a notação detalhada usada pelo violonista.



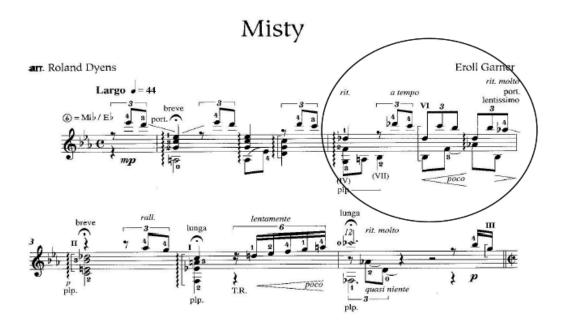


Figura 1: Introdução de Misty, arranjada por Roland Dyens (GSP Publications)

O segundo compasso (circulado na Fig. 1) apresenta a indicação "plp", indicando que as notas do baixo devem ser tocadas com a polpa (pulp) do polegar da mão direita, o que possibilita um timbre mais cheio, escuro e ressonante que é mais próximo do timbre do contrabaixo acústico, e é usado frequentemente por Dyens em suas composições e arranjos. Na segunda metade deste mesmo compasso 2, notamos o acompanhamento em colcheias contra as tercinas da linha melódica e com as indicações *crescendo, poco, decrescendo, rit. molto, lentissimo* e *portamento* para o próximo compasso. Esta notação detalhada pode ser encontrada em todo o arranjo e em toda a obra do violonista, e não é, neste caso, mera exigência de Dyens mas sim uma descrição precisa de como ele gravou o arranjo.

Dyens cria uma textura em contraponto, onde o acompanhamento é feito com uma citação das três primeiras notas do tema (Si bemol, Sol, Ré) que ele usa quase obsessivamente em todo o arranjo (Ver círculos na Fig. 2). Para as notas Dó repetidas na segunda frase do tema ele usa um arpejo ascendente do acorde de Bbm7 (do IIm7/V7 de Ab7M, subdominante), que soa independente da melodia. (Ver quadrado na Fig. 2).



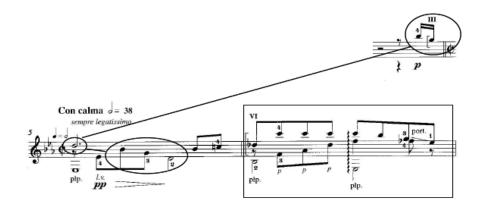


Figura 2: Tema de Misty, arranjado por Roland Dyens (GSP Publications)

Dyens inclui na maioria de seus arranjos de jazz um tipo de "improvisação composta", que segundo ele faz parte de seu processo de construção de arranjos. (DYENS, 2009, p.4). Na Fig. 3 vemos a primeira destas improvisações que inclui uma variedade de articulações e texturas criadas por harmônicos em combinação com notas regulares, ornamentações e técnicas violonísticas típicas do violão clássico, marcadas com as combinações mais agéis de digitação da mão direita (P, i, m, a), que possibilitam passagens extremamente rápidas (Ver Fig. 3).

Na improvisação jazzística, uma prática comum é o que os guitarristas de jazz chamam de "chord soloing" que é o uso de harmonias de jazz em blocos, incluindo o tema ou não. Na Fig. 4, vemos um exemplo do guitarrista Joe Pass, incluindo as cifras e os voicings dos acordes que ele toca. Os solos em acordes são uma maneira bastante idiomática de criar improvisações que são independentes de acompanhamento, de forma auto-suficiente. Uma forma diferente de auto-suficiência pode ser observada nos arranjos de Dyens, já que ele explora as possibilidades polifônicas do violão clássico num grau elevado de complexidade textural e timbrística (Ver Fig. 3 e 4).

É evidente que nosso objetivo aqui não é comparar os músicos, mas sim demonstrar em Dyens, uma maior riqueza textural que é possibilitada pela junção de conhecimentos do mundo do jazz e do violão clássico.





Figura 3 – Trecho de "Improvisação composta" para Misty, arranjo de Roland Dyens (GSP Publications)

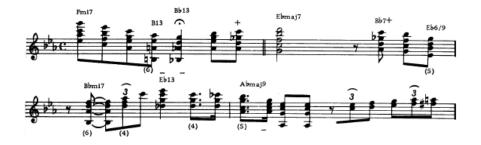


Figura 4 – Trecho de "Chord Soloing" do guitarrista Joe Pass para *Misty* (Alfred Pub. Co)



A intenção de Dyens é trazer um pouco do "sabor do jazz" para o repertório do violão de concerto. Ele nunca afirmou ser um músico de jazz engajado (embora tivesse o hábito de improvisar em seus concertos), mas parece claro que ele não escreveria seus arranjos sem um conhecimento profundo de harmonia jazzística e improvisação, e certamente sem a formação clássica. Entendemos que uma análise minuciosa do arranjo não caberia aqui. Nosso objetivo portanto é demonstrar no arranjo um pouco do que o violonista diz na rica entrevista que conseguimos. Para encerrar este artigo ficamos com as últimas palavras de Dyens em nossa entrevista, que demonstram o apreço que ele tinha pela arte de arranjar para violão solo.

Eu adoro arranjar, de verdade. E os melhores elogios que já recebi foram feitos por um dos maiores pianistas de nosso tempo depois de ouvir minha versão da *Pavana* de Ravel. "É ainda melhor que no piano", ele disse. Só porque se pode tocar cores, portamentos e harmônicos que Ravel teria adorado usar para esta obra-prima do piano ... Uau... Então, mais seriamente, isto significa muito: arranjadores para violão devem buscar fazer algo ainda melhor do que foi originalmente escrito. Grande desafio, certo? Totalmente factível em minha opinião (DYENS, 2009, p.4).

#### Referências:

BEAVERS, Sean. Homage in the Solo Guitar Music of Roland Dyens. Tallahasse, 2006. Dissertação (Doutorado em performance musical). Florida State University, Tallahasse, 2006. DYENS, Roland. *Night & Day:* 10 Jazz Arrangements for Solo Guitar. San Francisco: Guitar Solo Publications, 2005.

DYENS, Roland. Entrevista de Guilherme Vincens em 13 de Julho de 2009. Tucson. Via Email.

HOOD, Mantle. The Challenge of 'Bi-Musicality'. *Ethnomusicology*, vol. 4, no. 2, p. 55–59. 1960.

NETLL, Bruno. *The Study of Ethnomusicology*: Thirty-one issues and concepts. Segunda Edição. Chicago: University of Illinois Press, 2005.

Night and Day. Roland Dyens. Bruxelles, Belgium: GHA Records, 2003.

PASS, Joe. *Joe Pass Chord Solos:* For Guitar, Vibes, and All Keyboard Instruments. Van Nuys, CA: Alfred Pub. Co., 1986.

VINCENS, Guilherme. The Arrangements of Roland Dyens and Sergio Assad: Innovations in Adapting Jazz Standards and Jazz-Influenced Popular Works to the Solo Classical Guitar. Tucson, 2009. Dissertação (Doutorado em performance musical). University of Arizona, Tucson, 2009.

#### Notas

\_

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Esta entrevista foi feita em inglês, por email, em Julho de 2009. As citações da entrevista são traduzidas pelo autor para o português neste artigo. A entrevista em inglês está disponível em minha dissertação de doutorado.